

Atravessamos uma época da qual emergem grandes desafios, riscos e também oportunidades para a classe trabalhadora e os povos de todo o mundo.

Está em curso um processo de crise e transição geopolítica, marcado pela decomposição da ordem internacional imperialista hegemônica pelos Estados Unidos e o agravamento das contradições que são inerentes ao capitalismo contemporâneo.

A crise reflete o declínio do poderio econômico relativo dos EUA e do senil Grupo dos 7, decorrente do desenvolvimento desigual das nações e da desindustrialização no chamado Ocidente. Em contraposição, observa-se a ascensão da China e do Brics, fortalecido e ampliado em suas duas últimas cúpulas.

Este movimento de nações à margem dos centros imperialistas, liderado pela China, desenha uma nova ordem mundial e enseja perspectivas promissoras para os países mais pobres, oprimidos pelo tacão neocolonialista do imperialismo. É este o caso do Brasil e da Rússia, dois países fundadores do Brics em junho de 2009. O bloco geopolítico já superou o outrora todo poderoso G7, hoje em franca decadência. Em 2024, a participação do Brics na economia global em Paridade de Poder de Compra foi de cerca de 35%, enquanto a do G7 foi de 30%.

Ao analisar o desempenho do setor industrial, carro-chefe da produção de riquezas e do crescimento assimétrico dos PIBs, observa-se que a participação da China, em termos de produção bruta, é nada menos que três vezes maior que a dos EUA, seis vezes maior que a do Japão e nove vezes maior que a da Alemanha. Esses são os indicadores mais seguros e eloquentes sobre o que alguns analistas caracterizam como deslocamento do poder econômico e geopolítico do Oriente para o Ocidente.

A ascensão econômica vertiginosa da China, ao lado do Brics, está transformando a geografia econômica e política global, criando natural e inevitavelmente uma outra realidade que se choca com a ordem mundial capitalista instalada em Bretton Woods e pavimentando objetivamente o caminho na direção de um novo arranjo geopolítico. A Nova Rota da Seda e o Banco de Desenvolvimento dos Brics são embriões desse novo mundo.

Na contramão deste movimento, os EUA não querem abrir mão da hegemonia mundial e prometem fazer de tudo para preservá-la. Conter a ascensão da China e do Brics continua sendo o objetivo primordial da política externa do império, que se revela especialmente agressiva no continente americano, que os imperialistas em Washington consideram como uma extensão do próprio território (boa parte dele roubado dos mexicanos) ou, ainda, um mero quintal.

Donald Trump ameaçou aplicar tarifas de 100% sobre mercadorias dos países do Brics que ousarem desafiar a hegemonia do dólar. Falou em retomar à força o Canal do Panamá porque teria sido cedido ao controle de Pequim. Impôs

tarifas de 50% a exportações brasileiras e sancionou ministros do Supremo Tribunal Federal a pretexto de defender o líder golpista Jair Bolsonaro, um político neofascista que acaba de ser condenado a 27 anos e três meses de prisão por crimes contra o Estado Democrático de Direito. Enviou navios de guerra para a costa da Venezuela para chantagear e intimidar o governo Maduro e todos os líderes latino-americanos que não rezam pela mesma cartilha do imperialismo.

O chefe da Casa Branca imagina que, com ameaças, bravatas e protecionismo, vai reverter o processo histórico de declínio do capitalismo norte-americano. A verdade é que isso não vai fazer os EUA “grandes novamente”, como quer Trump, mas certamente fornece combustível à crise geopolítica atual, que evolui entrelaçada com as depressões cíclicas da economia mundial e ainda parece longe de um desfecho.

Por essas razões, a transição na direção de um novo arranjo geopolítico não é nada tranquila e pacífica. Presenciamos a radicalização das lutas de classes e das tensões e conflitos internacionais; a exacerbação da concentração e centralização do capital e da renda; a crescente polarização social e política; o fracasso do neoliberalismo; a falência das instituições que configuram a democracia burguesa, sequestrada e corrompida pelo poder econômico; a emergência de uma nova e perigosa corrida armamentista, que atíça os focos de tensão internacional e ressuscita o fantasma da guerra nuclear.

Nesse ambiente crítico, presenciamos também o renascimento e ascensão do neonazismo em boa parte do mundo, alimentado pela xenofobia, misoginia e exacerbação da exploração da classe trabalhadora e opressão dos povos e nações, sobretudo as mais pobres e vulneráveis. Último recurso de um capitalismo que arde em crise, o neonazismo acena para a barbárie e a negação da civilização, sendo hoje particularmente cruel com trabalhadores e trabalhadoras imigrantes nos EUA e na Europa.

Enfrentar e derrotar a extrema direita é hoje e provavelmente será pelos próximos anos o principal desafio das forças democráticas e progressistas, incluindo o sindicalismo classista, na América Latina e em outras regiões do mundo.

No Brasil, a corja neonazista liderada pelo golpista Jair Bolsonaro desempenha o ignóbil papel de quinta coluna do imperialismo, estimulando e apoiando descaradamente a ofensiva neocolonialista de Donald Trump contra o Brasil. Defende uma agenda neoliberal entreguista, antioperária e antipatriótica, como ficou evidenciado no comportamento da família Bolsonaro frente à imposição de tarifas de 50% às exportações brasileiras.

Essas forças reacionárias, neonazistas, representam os interesses e a ideologia dos grandes capitalistas. Esses constituem a oligarquia financeira contemporânea, que atualmente tem nas chamadas big techs seu principal e mais lucrativo negócio.

Este cenário histórico, já por si dramático, é agravado pela crise climática, que avança em meio à desordem global sem muitas esperanças de solução nos marcos do sistema capitalista.

O genocídio na Faixa de Gaza prossegue, com a cumplicidade e apoio do governo Trump. O neonazista Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel, continua chantageando os habitantes da cidade e usando impunemente a fome como arma de guerra, bloqueando a entrada de ajuda humanitária e assassinando inocentes. Herzi Halevi, ex-chefe do Exército de Israel, estimou em mais de 200 mil o número de vítimas do genocídio em Gaza.

Tampouco a guerra por procuração dos EUA e da OTAN contra a Rússia encontrou uma solução. O conflito tem por raiz a ambiciosa e ameaçadora expansão da OTAN pelo leste europeu após a destruição da União Soviética, em 1991, conforme o próprio Trump reconheceu.

Entrelaçadas com a crise geopolítica, agravam-se as contradições sociais e econômicas do sistema capitalista, impulsionadas pelo crescimento das forças produtivas. A apropriação capitalista dos lucros propiciados pelo avanço da produtividade do trabalho aprofunda a desvalorização da classe trabalhadora quando, sob outras relações sociais, poderia propiciar redução da jornada de trabalho sem redução de salários.

Cresce, nessas circunstâncias, o desemprego, a precarização, com destaque para a chamada uberização, com subtração de direitos, aumento da jornada de trabalho e redução da renda dos trabalhadores e trabalhadoras.

Isso não tem sido exceção, mas a regra dentro dos países capitalistas, onde a centralização de capitais e a concentração da renda atingiram uma dimensão chocante, enquanto estatísticas da ONU indicam que cerca de 673 milhões de pessoas no mundo enfrentaram a fome em 2024, o que representa 8,2% da população mundial.

Interligados, esses fatos demonstram o esgotamento da ordem imperialista internacional liderada pelos Estados Unidos com o concurso do decrépito Grupo dos 7.

A história colocou na ordem do dia a luta em defesa da soberania nacional, contra o imperialismo e por uma nova ordem mundial fundada no multilateralismo e orientada para a solução pacífica das controvérsias internacionais, o desarmamento nuclear e o desenvolvimento soberano e compartilhado dos povos.

A transição no sentido de uma nova ordem geopolítica não é mais um mero desejo, mas um movimento objetivo que já está em curso, apesar da malfadada reação do imperialismo no chamado Ocidente.

É preciso que o movimento sindical adquira uma clara consciência disso, de forma a se preparar e se qualificar para intervir neste processo, evitando que os interesses da classe trabalhadora sejam ignorados e atropelados e a nova

ordem que está a caminho reproduza as relações sociais e entre as nações que são características do capitalismo e do imperialismo.

Cumpra também lembrar e esclarecer à classe trabalhadora que a barbárie é o destino para o qual o capitalismo está conduzindo a humanidade e que o socialismo é a única alternativa civilizatória.

Quero concluir minha intervenção reiterando a solidariedade do sindicalismo classista com o povo e o governo revolucionário de Cuba, contra o criminoso bloqueio imperialista imposto pelos EUA; nossa solidariedade à Venezuela; nosso total apoio à heroica resistência do povo palestino ao Estado terrorista de Israel, repúdio ao genocídio e defesa do Estado da Palestina e por uma solução justa para o conflito no leste europeu e apoio à justa luta do Povo Saarauí e da Frente Polisário pela independência nacional.

Muito obrigado!